

O HISTORIADOR ALEXANDRE DUMAS, DEFENSOR DO URUGUAI

Gabriel Sordi¹ (gsordi@gmail.com)

Resumo

Em 1850, o romancista Alexandre Dumas publicou um livro de história intitulado *Montevideo ou une nouvelle Troie*. Este artigo explicitará as características da empreitada historiográfica de Dumas, sua reverberação e os motivos que levaram o escritor francês a comparar a capital uruguaia com a cidade da epopéia homérica, engajando-se politicamente contra o governante argentino Juan Manuel de Rosas e o militar uruguaio Manuel Oribe, cujas tropas, em comum acordo, sitiavam Montevidéu. Para tanto, será também explorada a relação de amizade mantida por Dumas com o militar e político uruguaio Melchor Pacheco y Obes e com o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi – o que rendeu também ao francês, posteriormente, a composição das *Mémoires de Garibaldi* (1860).

Abstract

In 1850, the novelist Alexandre Dumas published a history book called *Montevideo ou une nouvelle Troie*. This article will explain the properties of this Dumas' historiographical work, its repercussion and the reasons that made the french writer to compare the uruguaian capital to the homeric city, engage yourself politically against the argentine caudillo Juan Manuel de Rosas and the uruguaian militar Manuel Oribe, wich united troops invested against Montevideo. Therefore, the friendly relationships between Dumas and the uruguaian militar and politician Melchor Pacheco y Obes and with the italian revolutionary Giuseppe Garibaldi, will be explored in this paperwork – that yielded the theme of the Dumas' book *Mémoires de Garibaldi* (1860).

¹ Mestre em História pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), com dissertação defendida em 02/2009 sob o título *El Protector y su Pueblo Libre: a representação do caudilho José Artigas no centenário de sua morte (1950)* – disponível eletronicamente em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000442742>, acesso em 15/05/2010.

Palavras-chave: Alexandre Dumas, pai (1802-1870); Montevideú; História do Uruguai.

Keywords: Alexandre Dumas, *père* (1802-1870); Montevideo; History of Uruguay.

Em 1850, o mundialmente famoso escritor francês Alexandre Dumas² (1802-1870) publicou o livro *Montevideo ou une nouvelle Troie* – nos dias de hoje, um título no mínimo curioso, para os leitores acostumados com obras como *Os três mosqueteiros*, *O conde de Monte Cristo* e *O homem da máscara de ferro*. Em realidade, trata-se de um título ordinário para os biógrafos e literatos afeitos à vasta obra³ e aos engajamentos políticos de Dumas.

A comparação da capital uruguaia com a cidade da epopéia homérica e a história da obra (rapidamente traduzida para o espanhol sob o título *Montevideo o la nueva Troya*) confundem-se com a luta política do general uruguaio Melchor Pacheco y Obes (1809-1855) e a história da Guerra Grande (1839-1851), série de conflitos armados em que as forças do caudilho argentino Juan Manuel de Rosas uniram-se às do general uruguaio Manuel Oribe para enfrentar o Partido Colorado e a autonomia política de Fructuoso Rivera, então presidente da República Oriental do Uruguai.

Com a ascensão definitiva de Rosas ao poder em 1835, em Buenos Aires, inicia-se o período da Confederação Argentina – segundo uma leitura usual, uma política de centralização acobertada pela égide federalista, levada adiante por um ditador que soube obter grande parte do apoio popular. Dumas mesmo afirma que a “ditadura” rosista, “aunque reducida a perfecta unidad, no por eso deja de ostentar el pomposo título de federación” (NT,⁴ p.65), e que Rosas angariou o apoio popular eliminando, ardilosamente, todos os outros

² Ordinariamente, adverte-se para que não se confunda o autor com seu filho Alexandre Dumas (1824-1895), escritor que atingiu a fama, principalmente, por conta da obra *A dama das camélias* (1848).

³ Dumas escreveu mais de 120 títulos, a maioria romances, e muitos deles no formato de folhetim. Sobre a conjunção do aspecto político a grande parte de seus escritos e sua recepção, o historiador Jacques Duprey comenta: “*el buen y terrible gigante* abordó todo, y, para su vasto público popular, triunfó en todo” (DUPREY, p.29).

⁴ *Montevideo o la nueva Troya*.

próceres federalistas (NT, p.71). A tal política astuciosa estaria incluso o anseio de reaver a Banda Oriental ao domínio portenho, perdido após a revolução separatista de José Artigas, ocorrida entre 1813 e 1820, o domínio luso-brasileiro ao território, de 1820 a 1828, e a afetiva guerra de emancipação uruguaia iniciada por Juan Antonio Lavalleja, Oribe e os outros 31 orientais, de 1825 a 1828.

Em 1838, após a Batalha de Palmar e uma guerra de dois anos entre os partidos políticos uruguaios *blanco* e *colorado*, o segundo sai vitorioso, e o presidente Fructuoso Rivera (1784-1854) volta ao poder, destituindo seu anterior aliado Manuel Oribe (1792-1857), líder do Partido Nacional (*blanco*). Derrotado, Oribe pede apoio a Rosas, quem lhe ajuda militarmente para que reconquiste o poder no interior do Uruguai e sitie Montevidéu a partir de 16/02/1843, visto a impossibilidade de tomá-la das mãos de Rivera, do general Pacheco y Obes e de seus aguerridos defensores.

Internacionalmente, Rivera e a causa montevideana angariam e conseguem o apoio (com variações de intensidade, ao longo dos anos) da França e Inglaterra, desde o começo da Guerra Grande – a retomada das ofensivas de Oribe, em 1839. Encontrando-se o conflito não definido ainda em 1850, Alexandre Dumas resolve também participar do debate público referente ao caso, posicionando-se a favor dos sitiados e lançando sua obra sobre a resistência da capital oriental, que comparava à cidade de Páris, Helena e do famoso cavalo.⁵ Em realidade, essa não seria a única investida política⁶ do romancista, que na *Nueva Troya* procurou denunciar a “tirania” de Rosas – Dumas também louvou, em outro exemplo, os feitos de Garibaldi e dos carbonários italianos que iniciaram o processo da derradeira

⁵ Note-se que Dumas intitulou seu livro como *Montevideo ou une nouvelle Troie*, e todas as traduções em espanhol intitularam-se *Montevideo o la nueva Troya*; a errônea tradução de “une” por “la” explicita o anseio de engrandecimento da cidade e de sua causa.

⁶ Não apenas a título de curiosidade, para este trabalho é oportuno mencionar que, socialmente, Dumas teve uma “vida alegre y desordenada, llena de aventuras, de deudas, de citas y de lances” (A.González em NT, p.13). Notoriamente reconhecido como grande escritor em vida, o francês fez fortuna principalmente com a escrita de folhetins, que custodiavam os grandes gastos de sua vida boêmia (segundo Émile Zola, *Estudios Críticos*, citado por A.González, *ibidem*), uma dificuldade tácita para biógrafos parciais como Lucas-Dubreton, que desejam exaltar outras qualidades no herói-literato – o título original de sua obra é *La vie d'Alexander Dumas père*, sendo o “novelesca” adicionado pela tradução portenha. Alguns críticos atribuem o caráter romântico e melancólico dos escritos de seu filho, evidentes em *A dama das camélias*, às desventuras familiares que presenciou por conta disso.

emancipação da Itália (*Memórias de Garibaldi*, pp.8ss), e participou ativamente do periódico literário e político *Le Mois*.

A comparação de Montevidéu à cidade lendária permitiu-se por uma curiosa questão: sua contumaz impenetrabilidade, com ou sem a presença das muralhas,⁷ não só nesta guerra. De fato, no início do século XIX, durante as guerras pela independência, Montevidéu tornara-se reduto realista e já havia resistido às investidas de invasão por parte dos generais José Rondeau e Artigas por quatro anos, de 1811 a 1814. A heroicidade da Nova Tróia é reforçada, no relato de Dumas, pela pequenez e brava resistência montevideana, sem a totalidade de sua estrutura de defesa amuralhada, contra o forte e bem armado exército de Rosas e Oribe.

Não se tratando de uma ficção, como as outras obras que consagraram Dumas, é problemático adjetivar a *Nueva Troya* como um livro de histórica ou obra historiográfica, por conta de sua parcialidade e distorção de alguns fatos – tendo sido o general Pacheco y Obes, basicamente, a única fonte de informações para a composição da obra.⁸ Sobre, por exemplo, a toponímia da cidade, Dumas afirma:

Fue Juan Díaz de Solís quien, a comienzos de 1516, descubrió la costa y el río de la Plata. Lo primero que vio el vigía fue el Cerro. Alborozado, gritó en latín: ¡Montem video! De ahí el nombre de la ciudad cuya portentosa historia vamos a esbozar rápidamente. (NT, p.38)

Tal história, de difícil credibilidade (o marinheiro que grita em latim), mas que certamente procura elevar a origem e o nome da cidade, é confrontada por inúmeros historiadores uruguaios com a de que o nome da cidade advém do fato do Cerro

⁷ “... hacía mucho tiempo ya que [Montevidéu] no era una ciudad de guerra. Sus murallas estaban demolidas desde 1833” (NT, pp.86-7); a demolição das muralhas montevideanas, construídas ao longo do século XVIII, foi iniciada em 1829, por uma decisão da Assembleia Geral Constituinte (instaurada após a conquista da independência do Brasil), visando a ampliação da cidade e a destruição do símbolo do período colonial. Sobre a historicidade da construção e demolição da muralha, conferir “Espacio Muralla Abierta”, de Raúl Baroffio Burastero, trabalho apresentado no VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas (abril/2010) da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, disponível eletronicamente em www.fortalezas.ufsc.br/6seminario/6seminario_actas/palestras/murallas_Baroffio_revisto_02.pdf (acesso em 03/06/2010).

⁸ Uma das únicas obras citadas por Dumas, em toda a *Nueva Troya*, no início do capítulo III, é *Sitio de Montevideo*, de Agustín Wright (1845), livro sobre a Guerra Grande que compactua com a posição de Pacheco.

montevideano ser o sexto monte da grande baía de desembocadura do rio da Prata (monte VI de E a O, de “este” a “oeste”).

Por estes e outros equívocos historiográficos,⁹ além do partidarismo da obra, dificilmente aceita-se o livro como fonte histórica confiável. Mitre “consideró a ese pequeño libro como indigno ‘del maravilloso talento’ de su autor”, ressaltando que, ao menos, sua temática e seu título permaneceriam imortais (A.González em NT, p.15); e o historiador francês Jacques Duprey,¹⁰ que em 1942 publicou um estudo intitulado *Alejandro Dumas, escritor al servicio de Montevideo y adversario de Rosas*, também ressaltou o caráter da fama alcançada pelo nome da obra, “hoy más célebre por su título que realmente conocido en su texto” (DUPREY, p.35).

Talvez o mais correto seria classificá-la, então, como obra panfletária, por conta da presença dessas características partidárias e combativas, e pelas circunstâncias em que foi concebida – a solicitação e mancomunação do general Pacheco em sua produção. O historiador uruguaio Ariosto D. González, que escreveu um prólogo para o livro de Dumas, diz que esse, em realidade, “se trata de un labor de propaganda y no de una desinteresada creación artística” (em NT, p.23).

O general Pacheco, em 1849, foi incumbido da missão de, em Paris, cobrar uma postura mais enérgica do apoio que a França concedia a Montevideú, na guerra contra o caudilho argentino – na ocasião, um recém tratado entre o almirante francês Le Prédour e Rosas preestabelecia o abandono do apoio francês à cidade sitiada. Frequentando o meio político e intelectual parisiense, Pacheco conheceu Dumas, e a amizade que se estabeleceu

⁹ Dumas também refere outra admirável história sobre a toponímia da rosista Sociedad Popular Restauradora, mais conhecida como *Mazorca*: “para poner en práctica las teorías de Rosas, se organizó, bajo sus auspicios, la famosa sociedad de *Más-horca*, es decir: más horcas” (NT, p.72). Em realidade, “o nome popular de Mazorca provém do emblema, uma espiga [= *mazorca*] de milho que indicava união” (nota da Biblioteca de Ayacucho em SARMIENTO, p.43, nota 7). Sarmiento dá outra origem para o nome, na *Crónica* de 23/12/1849: “Sociedade Popular, que depois se chamou Mazorca, devido a um presente que Rosas lhe fez de uma espiga de milho cheia de fitas vermelhas para que as *metessem nos selvagens*... unitários, palavras textuais da mensagem do general Rosas que acompanhava o presente” (ibidem).

¹⁰ Radicado no Uruguai, esse historiador também escreveu outras obras sobre as intersecções das histórias da França e dos países do Prata, como *Un fils de Napoléon I^{er} dans les pays de la Plata au temps de Rosas* (1937) e *Voyage aux origines françaises de l’Uruguay* (1952).

entre ambos foi posteriormente reconhecida por diversos biógrafos e historiadores.¹¹ A afinidade entre os estilos de vida de Dumas e Pacheco pode ter facilitado o estabelecimento dessa amizade; Duprey afirma que Dumas cantou o tema da Guerra Grande “con algún retardo y sobre todo con la ayuda muy eficaz de un fogoso montevideano amigo suyo” (p.34).

De qualquer maneira, a presença de Pacheco em Paris não passou despercebida, no mesmo sentido em que a Guerra Grande vinha alcançando projeção e chamando a atenção da diplomacia internacional. Com certo exagero, Montero Bustamante comenta:

Montevideo, en aquella época, concentró la atención de Francia y de Inglaterra. Importantes divisiones de las flotas de ambos países, ilustres almirantes, eminentes diplomáticos, entre ellos un hijo de Napoleón I, ... fueron enviados al Plata. (...) Las prensas de París y de Londres sudaron tinta en interminables controversias; los escritores y los oradores más ilustres hicieron el proceso o la apología de los hombres de la Defensa [montevideana]. Thiers, Guizot, Michelet, Lamartine no desdeñaron hablar de ellos.¹² (Montero Bustamante em DUPREY, pp.21-2)

A colaboração de Dumas à causa de Pacheco, a obra *Nueva Troya*, se inicia com o relato de um viajante que não viajou para Montevideu – o que legitima a denúncia de dupla autoria, Dumas-Pacheco, da obra.¹³ Nos primeiros parágrafos, escreve Dumas: “cuando el viajero llega de Europa en una de esas naves que los primeros habitantes del país tomaron por casas volantes, lo que ve ante todo... son dos montañas: una montaña de ladrillos... y una montaña de piedra”, a catedral e o Cerro; “luego, si ancláis entre el Cerro y la ciudad, ... véis

¹¹ No prólogo que fez ao livro de Duprey, o historiador uruguaio Raúl Montero Bustamante – autor, entre outros, de *Lavalleja* (1902), *Artigas y la Iglesia* (1923), e *Estampas: Fructuoso Rivera, Melchor Pacheco, Juan Carlos Gómez, Julio Herrera y Obes* (1942) – por exemplo, relata uma prova de tal amizade: “éste [Dumas] regaló a Pacheco el precioso retrato al pastel que se custodia en el Museo Histórico de Montevideo” (em DUPREY, p.20).

¹² Duprey engrossa a lista: “escritores, oradores, periodistas, hombres políticos como Aberdeen, Peel, Palmerston, O’Connell, Disraeli, Metternich, Pío IX, Lamartine, Thiers, Guizot, de Tocqueville, Berryer, Montalembert, Molé, Barrot, de Girardin, Drouyn de Lhuis, Favre, Routhier... disputaron, de buen o mal grado, a propósito de Montevideo” (p.31).

¹³ “Jacques Duprey admite esta colaboración [de Pacheco na composição da *Nueva Troya*] en su extensión máxima, pues al referirse al libro habla de *sus autores*, y aun califica a aquél de *libro Dumas-Pacheco*. La calificación es feliz” (Montero Bustamante em DUPREY, p.23).

en el camino de esas bellas quintas grupos de mujeres vestidas de Amazonas y jinetes en traje de montar”; “de noche, ... oís los cantos de los pianos o las quejas del arpa, los trinos chispeantes de las cuadrillas o las notas quejumbrosas de los romances” (capítulo I da *Nueva Troya*, na tradução de DUPREY, pp.39-40).

São impressões de quem chega, de navio, à capital uruguaia, para quem não conhece a cidade, relatadas por alguém que nunca cruzou o Atlântico. Dos seis capítulos da obra, os três primeiros tratam da natureza, da paisagem, do povo e cultura da Banda Oriental, além de traçarem um quadro histórico da colonização e independência orientais, para depois ser contextualizada a Guerra Grande. É desse modo que são escritas passagens célebres, como a que afirma ser o *gaucho* “el bohemio del nuevo mundo” (NT, p.42), ou a que define a cidade que lutava contra a opressão de Rosas: “Montevideo no es sólo una ciudad; es un símbolo. No es solamente un pueblo; es la esperanza de la civilización” (NT, p.149).

Explicitamente dirigida, portanto, a políticos e eleitores franceses e europeus, na tentativa de angariar apoio à causa montevideana – “¿responderá el gobierno francés a estos cuadros de dolor y de abnegación que exponemos a la consideración de Europa?” (NT, p.145) – tacitamente a obra também era endereçada aos políticos e à população americana em geral – o que causa certo estranhamento, por parte dos uruguaiois, quanto a alguns relatos de sua própria capital, como a presença dos pianos e harpas. Jacques Duprey afirma que, no início da obra, a Montevideu de Dumas “aparece dispuesta como un decorado de teatro... Alejandro Dumas debió vanagloriarse de esta tirada, pero a los montevidianos, sobre todo a los más jóvenes, les cuesta reconocerse allí” (DUPREY, p.39).

Do mesmo modo, Dumas traça o quadro de uma Montevideu romântica, exuberante e sem desigualdades sociais – “esta población vive en buenas casas, está bien alimentada; sus quintas, sus granjas o alquerías están próximas unas a otras, y su carácter abierto y hospitalario tiende a la civilización, y el mar le trae incesantemente... el perfume de Europa” (NT, pp.45-6); exagera quando afirma ser Montevideu resguardada por seus defensores “con una lealtad sin ejemplo en la historia del mundo” (NT, p.114); e dá inumeráveis exemplos de comiseração, patriotismo e desprendimento pleno (até de apegos familiares)¹⁴ em favor da cidade e sua causa contra Rosas.

¹⁴ Um bom exemplo de tal exagero, do “rasgo espartano” também das montevidianas durante a Guerra Grande: “No se consigna un solo ejemplo de mujer que haya tenido siquiera un instante la idea de impedir a su padre, a

Ao longo do texto, Dumas apresenta números significativamente improváveis – como ao afirmar que Garibaldi, com apenas 200 soldados, venceu 1.200 do general rosista Servando Gómez, na Batalha de San Antonio, em 08/02/1846 (NT, p.96 e 136). Dumas não deixa também de fazer referência às *Tablas de sangre* de José Rivera Indarte (1814-1845), desafeto político de Rosas, “difundidas por la América del Sur y en las cuales ésta... ha registrado ya diez mil asesinatos” a mando do ditador argentino (NT, p.98). É difícil distinguir, contudo, a intencionalidade do erro ou a falta de conhecimento de Dumas em cada caso desses exageros ou dos erros históricos que a obra apresenta, por ter sido a obra composta com a indubitável colaboração do general Pacheco.¹⁵

O que justifica e impulsiona a produção da obra, em todo caso, é a ineficiência da intervenção anglo-francesa,¹⁶ nos muitos anos em que transcorreu a guerra, fato constantemente lembrado ao longo de toda a *Nueva Troya*. A crítica imediata de Pacheco e Dumas, presente na obra, refere-se à missão do general francês Le Prédour (e à inação dos políticos franceses quanto a seu resultado) que, tendo prometido aos políticos montevidéanos ultimar Rosas pelo fim do conflito, ao chegar a Buenos Aires compactua com este novas e estéreis negociações, que não modificam o quadro da guerra. Sobre a única ajuda, em 1850, que os franceses davam a Montevidéu, um subsídio de 180 mil francos mensais, Dumas diz

su marido, a su hijo o a su amante que continuara en el puesto de peligro. (...) Cada mujer se había convertido, ya fuese esposa o madre, en una lacedemonia. Se las veía subir a las azoteas, fijar los ojos ansiosamente en el campo de batalla, pálidas, pero serenas, y allí esperaban ellas la noticia, que por lo común encerraba una terrible desdicha” (NT, pp.143-4).

¹⁵ Ariosto González menciona o debate sobre a real autoria da obra – segundo o escritor argentino Ernesto Morales, em *Fisonomía de 1840*, Pacheco é quem teria escrito a *Nueva Troya*, diretamente em francês (A.González em NT, 22) – mas o debate já estaria encerrado, com os comentadores aceitando que Dumas escreveu a obra baseado nas informações recitadas por Pacheco, ou que, no máximo, foi uma obra composta a quatro mãos. Fato é que o estilo romantizado de Dumas não deixa de estar presente.

¹⁶ Inglaterra e França “envían al lugar de los sucesos misiones de todas clases, oficiales u oficiosas, conciliadoras o enérgicas, ... que no llegan a liberar la ciudad ni a hacerla ceder: en 1842, misión De Lurde-Mandeville; en 1845, misión Deffauidis-Ouseley, complicada por las misiones de Mareuil, Page y Hood; en 1847, misión Walewski-Howden; en 1849, misión Gore-Gros; en 1848 y 1849, misión Southern; en 1849, en 1850 y en 1851, misiones Le Predour, ayudadas por las de los oficiales de marina Goury de Roslan y Tardy de Montravel, dificultadas por la del teniente coronel Coffinières, sin contar otras, más secretas aún, como la misión Marivault...” (DUPREY, p.32).

que tal contribuição, “en vez de ser un alivio para la desdicha pública, se ha convertido en un dolor, pues casi se ha transformado en una vergüenza... [pois] los agentes franceses encargados del reparto de dicho subsidio... lo hacen infligiendo a los agraciados toda suerte de afrentas” (NT, p.142).

Acintosamente, Dumas também acusa os políticos franceses, de modo geral, de serem marionetes dos ingleses – além de promoverem injustas calúnias contra Garibaldi (NT, p.105 e 98). No último capítulo da obra, após fazer um balanço geral da situação de miséria e desespero na qual se encontravam os montevidéanos (e os franceses que os apóiam na América), após uma década de guerra e do sítio promovidos por Oribe, Dumas ataca maciçamente a política francesa de inação frente a tal desventura dos orientais; diz que os últimos, tendo recebido as notícias sobre as revoluções de 1848, aguardavam esperançosos uma mudança no posicionamento político da agora República Francesa; uma postura mais enérgica, enfim, pelo fim da guerra, contra Rosas. Frente ao fracasso da última missão, a do general Le Prédour, Dumas chega a afirmar que o posicionamento “de la Francia republicana, que en nada se diferencia de la Francia monárquica, va a aplicar a Montevideo el golpe de gracia” (NT, p.149). Desse modo, os franceses que lutam pela cidade sitiada, “mutilados, torturados como ellos [os montevidéanos], antes de morir lanzan una execración a ese pabellón mentiroso”, a tricolor francesa hasteada em Montevideú (NT, p.145).

Para sensibilizar ainda mais os franceses, Dumas comenta que, antes da guerra, dos 50 mil habitantes de Montevideú, 20 mil eram franceses¹⁷ (NT, p.117). Mais à frente, Dumas apresenta outros dígitos: diz que, antes do sítio, Montevideú tinha 60 mil habitantes, dos quais em 1850 restavam apenas 24 mil, pois, além das mortes, “la mayor parte de la población extranjera, excepto los franceses, han abandonado la desdichada ciudad” (NT, p.142). Sobre o apoio desses franceses à cidade sitiada, Dumas afirma:

Los franceses corrieron a las armas y se organizaron en legión... que prestó al gobierno de su patria el extraño servicio de sostener a pesar de él, el honor de Francia. Legión valiente

¹⁷ Duprey comenta a migração francesa ao Prata: “muchas familias [francesas] tenían parientes y amigos... en estas riberas del Plata que habían llegado a ser la pesadilla de la diplomacia francesa, después de haber sido, de 1830 a 1842, el principal centro que fijaba la emigración de una Francia entonces superpoblada” (p.33); mesmo assim, parece difícil justificarem-se os números apresentados por Dumas-Pacheco, de que quase metade dos moradores de Montevideú, na época, seriam franceses.

que... actualmente resiste a un arma más terrible que las de acero y oro empleadas contra ella por Rosas: la calumnia de los diarios franceses.

... por las calles de Montevideo... cada habitante saluda ahora a un francés como a un hermano y lo venera como a un héroe. (NT, pp.118-9)

Ainda de maneira exagerada, Dumas afirma que não há um só metro da linha de defesa montevideana que não esteja marcada com o sangue francês; “pues sabedlo, ministros y gobierno que los habéis abandonado: más de mil compatriotas nuestros han caído” durante todo o sítio, e um só desertor francês, de nome Pelabert, abandonou Montevideu e uniu-se a Rosas, levando consigo dois cúmplices. “Tres traidores sobre tres mil hombres, son menos que los espartanos, que tuvieron un cobarde entre trescientos” (NT, p.119).

Com todo este apelo, ao ser publicada a obra ganha considerável repercussão na Europa, somando-se notoriamente aos esforços intelectuais de apoio a Montevideu. Ao chegar ao rio da Prata, de regresso com Pacheco, no mesmo ano de 1850, a obra causa um duplo movimento: de um lado, os partidários de Montevideu se esforçam por divulgá-la, com suas subsequentes edições em espanhol e italiano e os diversos comentários em periódicos da cidade – como os realizados por Andrés Lamas¹⁸ no diário *El Nacional*; de outro, os partidários de Oribe procuram rechaçá-la, principalmente através do periódico *El defensor de la Independencia Americana*, editado no acampamento do Cerrito,¹⁹ onde procura-se refutar, ponto por ponto, as acusações de Dumas contra de Rosas e suas atrocidades, bem como às imputadas a Oribe.²⁰

¹⁸ Andrés Lamas (1817-1891), político uruguaio, viveu durante a Guerra Grande no Rio de Janeiro, onde tornou-se amigo do imperador Pedro II. Autor, entre outros, de *Impugnación a Alberdi* (1837), *A política do Brasil no Rio da Prata* (1859) e de *Apuntes históricos sobre las agresiones del dictador argentino D. Juan Manuel de Rosas contra la Independencia de la República Oriental del Uruguay* (série de artigos recopilados em 1849).

¹⁹ “El diario del General Oribe, *El defensor de la Independencia Americana*, ... publicó una extensa refutación [à *Nueva Troya*]... Los periódicos de Rosas injuriaron en todos los tonos al escritor francés. La prensa federal lo definió con estas palabras: *El mulato Dumas vendido a Pacheco y Obes*” (Montero Bustamante em DUPREY, p.20).

²⁰ Jacques Duprey também relembra o impacto causado pela publicação da *Nueva Troya* em um período da vida de Dumas: “en 1856, los ecos de esta trágica epopeya alimentan confidencias enternecidas de un capítulo de *Une Aventure d’amour*, pequeña obra en que Dumas habla sobre todo de sí mismo” (p.30).

No ano seguinte, 1851, o general entrerriano Justo José de Urquiza (1801-1870) subleva-se contra Rosas e, agora com a ajuda do Brasil, França e Inglaterra, derrota Oribe em outubro (findando a Guerra Grande) e Rosas em 03/02/1852, na Batalha de Monte Caseros, tornando-se posteriormente presidente argentino. Vitoriosa do ponto de vista político, portanto, não totalmente confiável enquanto fonte histórica, sobrou à *Nueva Troya* ser o registro da extraordinária combinação do pensamento de um político uruguaio do século XIX (imiscuído de toda a experiência revolucionária *caudillesca* rio-platense) ao de um dos romancistas europeus mais famosos da história.

O resultado é esse: primeiramente, a ideia e título da obra forçam Dumas, constantemente, a evocar a mitologia e o imaginário greco-romanos para discorrer sobre os personagens e eventos do Prata e da Guerra Grande. “Tróia”, contudo, acaba sendo postulado apenas como referência à resistência, às antigas muralhas e à fama de impenetrabilidade de Montevideú (afinal, na *Ilíada* Tróia é derrotada); os grandes personagens montevideanos são todos comparados a renomados *gregos*, adversários dos troianos na epopeia homérica, ou a famosas personalidades romanas. Enquanto narra a organização da defesa montevideana, afirma Dumas:

Los cuerpos de línea [da Montevideú sitiada]... fueron reorganizados [por Pacheco] y puestos bajo las órdenes de Marcelino Sosa, el Héctor de esta Nueva Troya, de César Díaz, de Manuel Pacheco y Obes, de Juan Antonio Lezica.

Todos los hombres que acabamos de citar, son ya nombres históricos y pasarán a ser inmortales si surgiera un nuevo Homero para esta nueva Troya. (NT, p.91)

Assim, em outros exemplos, o capitão Jorge Pacheco (pai de Melchor Pacheco y Obes), com sua “fuerza hercúlea, de talla gigantesca, avisor y vigilante”, é comparado a Caio Mário, e seus adversários, os índios charrúas, a novos teutões (NT, pp.39-40); Rosas é Silas, que volta para Buenos Aires (sua Roma) “con la espada en una mano y la tea en la outra” (NT, p.56); Molina e Arbolito, argentinos mortos a mando de Rosas, são comparados aos dois cônsules que acompanhavam Otávio na Batalha de Actium e tiveram o mesmo destino (NT, pp.57-8); o general José María Paz é “el Fabius americano, hombre virtuoso y puro como no hubo outro” (NT, p.69); o bravo coronel Marcelino Sosa, amigo pessoal de Pacheco e mártir

da causa montevidéana,²¹ a quem Dumas dedica grande parte do capítulo V para contar sua história, foi “el Héctor de esta Nueva Troya”, descendente “de uno de aquellos titanes que antiguamente quisieron escalar el cielo” (NT, p.125); e José Artigas ora é “como aquellos bandidos romanos que después de hacer acto de sumisión ante el Papa, se pasean, luego venerados, por las ciudades donde habían sembrado el terror” (NT, p.41), ora é Aquiles, quando deixa o cerco à Montevideu realista por desentendimentos com o portenho Rondeau, em 1814 (NT, p.44).

Artigas, de fato, no texto de Dumas-Pacheco, torna-se personagem de caráter dúbio:²² precisa ser enaltecido enquanto herói da independência e adversário da política opressora portenha – e por isso é descrito como “uno de los primeros que saludó a la revolución [americana] como libertadora”, ou que era “una guerra santa” e justa a que levava à frente contra portenhos e espanhóis (NT, pp. 43 e 47) – mas, ao mesmo tempo, serem recriminados seu estilo político *gaucho* e sua antiga contenda com o capitão Jorge Pacheco, na época (final do século XVIII) em que o “joven contrabandista” Artigas traficava gado para o Brasil e o segundo era chefe de *campaña* a mando espanhol.²³ Dumas assim explica essa contraditória

²¹ Ao narrar a morte de Sosa, Dumas oferece-nos um impagável trecho que reflete a capacidade que tem de romantizar sua pretensa narrativa histórica: “... el 8 de febrero fue un día de duelo nacional para Montevideo. ... hallándose en un puesto de avanzada, Sosa fue alcanzado por una bala de cañón, como Turena, como Brunswick; sólo que él no cayó de su caballo, a pesar de que el proyectil le había destrozado la mitad del cuerpo y arrancado casi todas las entrañas. El echó pie a tierra, y dijo a sus soldados: – Creo que estoy herido. ... [Pacheco] corrió junto al moribundo. El rostro de Sosa no ofrecía otra alteración que una ligera palidez. Al ver al ministro, se incorporó, le tendió la mano, y le informó acerca de los detalles del servicio cumplido... Todo ello con una serenidad tan perfecta, que era imposible imaginar que aquel hombre estaba a punto de morir” (NT, pp.126-7).

²² Dumas entra no rol dos famosos escritores estrangeiros (ao lado, por exemplo, do criminólogo italiano Cesare Lombroso) que recriminaram Artigas e foram criticados pelo restaurador de sua imagem, o político uruguaio Eduardo Acevedo Vázquez, no primeiro tomo de seu *José Artigas* (ACEVEDO I, p.126). Segundo Acevedo, todos eles foram influenciados pela obra detratadora (que teria criado a *leyenda negra* de Artigas) do político argentino Pedro Feliciano Cavia, o panfleto *El Protector Nominal de los Pueblos Libres* (1818). Para a lista completa desses escritores (incluindo alguns uruguaios), conferir minha dissertação de mestrado, supra cit., pp.55-6.

²³ Para não menosprezar a derrota do pai de Pacheco, “aunque no viejo, ... hombre cansado”, a Artigas, “joven y com fuerzas crecientes”, assim a narra Dumas: “Durante cuatro o cinco años el comandante persiguió a Artigas, vencéndolo allí donde lo encontraba; pero Artigas jamás se dejaba apresar, y reaparecía siempre al día

personalidade do caudilho oriental (lembrando-se o que dissera anteriormente sobre os “bárbaros” charrúas):

Era aquél [Artigas] un joven de veinte a veinticinco años, bravo como un viejo español, sagaz como un *charrúa*, alerta como un *gaucho*. En su persona combinaban tres razas y si éstas no se mezclaban en su sangre, por lo menos alentaban su espíritu. (NT, p.40)

A dubiedade de Artigas é estendida por Dumas a outras personalidades políticas orientais que apresenta em seu texto, como a Fructuoso Rivera – por conta, principalmente, de disparidades políticas com Pacheco, que fez este último abandonar e retornar ao cargo de Ministro de Guerra diversas vezes, ao longo da década de 1840:

Rivera... es también un hombre de campo, como lo es Rosas, como lo era Quiroga. Pero todos sus instintos se dirigen hacia la civilización, lo que hace de él la antítesis de Rosas. ... ha [Rivera] logrado ser el hombre más popular del Estado Oriental; pero, necesario es decirlo, jamás el más pésimo administrador desorganizó, como él, los recursos pecuniarios de una nación. Había derrochado sus bienes particulares [sacrificados durante a guerra pela independência] y ha derrochado los bienes comunes, no para reconstruir su fortuna, sino porque, como hombre público, no pudo despojarse de todos los hábitos principescos de su vida privada. (NT, pp.77-8)

Como general, Dumas diz que Rivera aprendera suas táticas de guerra com Artigas, e que portanto elas se resumiam a “sorpresas y golpes de mano. (...) El ejército [de Rivera] continuó, pues, ... sin conjunto, sin disciplina, sin orden, sin unidad; un verdadero ejército de guerrilleros, tal como lo había sido bajo Artigas, pero sin Artigas” (NT, pp.85-6). Como político, “los desastres del general Rivera” (NT, pp.137 e 141) foram os principais responsáveis por Montevideú e Pacheco não terem vencido a guerra contra Rosas e Oribe.

siguiente de cada derrota. El hombre de la ciudad fue quien primero se fatigo de aquella lucha, y como uno de los antiguos romanos que sacrificaban su orgullo al bien de la patria, Pacheco ofreció al gobierno español la renuncia de sus poderes a condición de que se nombrara en su lugar a Artigas, como nuevo jefe de la campaña, ya que sólo él podría realizar la obra que el comandante no había podido cumplir: el exterminio de los contrabandistas” (NT, pp.40-1).

Quem, de fato, torna-se realmente a antítese de Rosas, no texto de Dumas-Pacheco, é o próprio general Pacheco y Obes, “el centro de la obra” *Montevideo o la nueva Troya* (A.González em NT, p.20). Herói por excelência desde os primórdios da Guerra Grande, é ele quem primeiramente insurge-se contra os exércitos de Oribe e Rosas, após estes terem derrotado Rivera na Batalha de Arroyo Grande, em 06/12/1842, num momento em que a causa montevideana parecia perdida. Enérgico, confiável, valoroso,²⁴ foi graças a ele, como Ministro de Guerra e Marinha de Rivera, e suas vigorosas medidas, que “se logró la increíble defensa de Montevideo” (NT, p.89); que se “improvisó los hospitales civiles y militares”, que se “instituyó las primeras escuelas públicas” na cidade (NT, p.116); que foram substituídas “las influencias personales por el ejercicio imparcial de la leyes. En torno de él se agruparon una multitud de hombres nuevos animados de ideas patrióticas” (NT, p.133). É também o humanista Pacheco quem,

Antes que el gobierno mismo, ... por su propia autoridad privada, había proclamado la libertad de los esclavos, dando solución con un solo trazo de pluma, a este gran problema que desde hace más de un siglo se debate en Europa y ante el cual retrocede desde hace sesenta años el gobierno de Estados Unidos. (NT, p.88)

É de maneira cuidadosa, portanto, que Dumas conta como Pacheco pediu demissão do Ministério de Guerra, em 08/10/1844, por ser contra a decisão da entrega de dois desertores brasileiros, da esquadilha de Garibaldi, a um almirante brasileiro que a exigia. A partir daí, segundo Dumas, abrem-se “la serie de las desdichas de Montevideo”, que estava quase para vencer a guerra em seu início, sob o comando de Pacheco (NT, pp.131-2). Contraditoriamente, Dumas afirma que, após a caída de Pacheco, “la guerra continuó haciéndose diariamente, pero sin orden ni concierto. El mismo entusiasmo de la defensa decayó” (NT, p.134) – isso após ter narrado inúmeros casos de extremo patriotismo e valor por parte dos montevideanos, ao longo dos sete anos de sítio, com ou sem Pacheco à frente do

²⁴ Para corroborar tal ponto de vista, Dumas-Pacheco citam o Diário Oficial de Montevideú de 31/12/1842: “El coronel Pacheco y Obes nos prueba que tenemos todo de una vez, hombres de acción, de resolución y de administración, capaces de salvar la patria” (em NT, p.89). Algumas de suas ações enérgicas, por Dumas, são vistas como virtuosas, necessárias, e não como atozes, como quando manda fuzilar o comerciante Don Luis Baena, “sorprendido en tratos con el enemigo” (NT, p.109).

Ministério de Guerra – ele retorna ao cargo um ano depois, e em 1846 novamente pede demissão.²⁵

Outra personalidade aclamada, na *Nueva Troya*, como herói imaculado, é Giuseppe Garibaldi. Proscrito da Itália, da França e do Rio Grande do Sul, porque defensor das ideias republicanas e libertárias, “hombre tan poderoso”, extremamente generoso – divide seu salário com uma viúva montevideana; rejeita um dinheiro que o governo oriental lhe outorgou, terras e gado, em favor dos pobres (NT, pp.94-6) – misericordioso, um pouco distraído, muito valente – “en el momento de la lucha la suya es la primera espada que sale de la vaina y la última que vuelve a ella” (NT, pp.92-3): são todos atributos conferidos ao italiano por Dumas-Pacheco.²⁶

Já Oribe, que necessita ser repudiado por Dumas por conta de sua mancomunação com Rosas, não pôde ser desprezado enquanto importante partícipe da revolução que libertou o Uruguai e da vida política oriental. É também de modo dúbio, portanto, que Dumas o apresenta:

La presidencia de Rivera terminó en 1834. El general Manuel Oribe le sucedió gracias al influjo del mismo Rivera, quien contaba tener en aquél un amigo y un continuador de su política. En efecto, Manuel Oribe... había formado parte del gobierno anterior como ministro de guerra.

... [Oribe] se ha destacado siempre por su bravura personal. Su carácter es débil y su inteligencia menguada; esto explica su alianza con Rosas... Como general, [é cruel e] su incapacidad es absoluta... como particular, es honesto. (NT, pp.80-1)

Ironicamente, Dumas chega a chamar várias vezes Oribe de “*ilustre y virtuoso*” (grifo de Dumas, NT, pp.100-1) para, em seguida, citar várias cartas suas (algumas endereçadas a

²⁵ Ariosto González é menos reservado ao comentar as reviravoltas políticas de Pacheco: “Afanoso, susceptible, inestable, contradictorio, [Melchor Pacheco] aparece sucesivamente como amigo o adversario de las figuras representativas de la Defensa” de Montevidéo (em NT, p.11).

²⁶ Ao escrever, dez anos mais tarde, as memórias de Garibaldi, Dumas inseriu nestas – por conta da participação do “herói de dois mundos” na defesa de Montevidéo – quase que a *Nueva Troya* inteira, no formato de três capítulos de seu *Memórias de Garibaldi*. Assim narra Dumas o início da amizade entre Pacheco e o italiano: “Pacheco y Obes... adivinó lo que valía el proscrito José Garibaldi. A aquellos hombres les basto mirarse para comprenderse, y... se unieron en estrecha amistad” (NT, p.93).

Rosas) em que relata a decapitação do general unitário Juan Apóstol Martínez e do governador de Tucumán Marcos M. Avellaneda, a execução do “traidor salvaje unitario coronel Facundo Borda”, entre outras atrocidades.

Dumas-Pacheco não mencionam, contudo, que, no interior do Uruguai, grande parte das províncias apoiavam Oribe e o Partido Blanco. Ariosto González comenta sobre o que se chama, na história do Uruguai, de *Gobierno del Cerrito*, local próximo à cidade sitiada onde Oribe armou seu acampamento,²⁷ e como, durante o sítio, a “campaña está administrada pacíficamente por el general Oribe, que ejerce sobre ella sus funciones de gobierno en forma casi normal” (em NT, pp.32-3); Dumas afirma o contrário, que a *campaña* uruguaia desaprovava o governo de Oribe. Num dos poucos comentários sobre o assunto, Dumas diz que, desde a derrota de Rivera na Batalha de India Muerta, em 28/03/1845, as diversas famílias orientais que o acompanhavam refugiaram-se no Rio Grande do Sul, de onde rechaçaram as propostas de Oribe para que retornassem ao Uruguai – segundo Dumas, tais famílias preferiam enfrentar os sofrimentos do desterro à dominação rosista (NT, pp.122-3).

Rosas, por sua vez, é caracterizado como o grande vilão da *Nueva Troya*, e seu bando, como aqueles que “llevan delante de sí la destrucción y en pos de sí la barbarie” na América do Sul (NT, p.150). Um dos melhores exemplos da mistura dos estilos do livro (o dramático com a narrativa histórica) é dado por Dumas quando introduz em cena esse seu mais pérfido personagem:

Poco después de la revolución de 1810, un joven de quince a dieciséis años salía de Buenos Aires, abandonaba la ciudad y ganaba la campaña. Su rostro estaba conturbado y su paso era rápido. Aquel joven se llamaba Juan Manuel de Rosas. (NT, p.51)

Na continuação, Dumas diz que o motivo da saída de Rosas, tão jovem, da casa onde nascera, seria a expulsão, por parte de seu pai, pois “aquele que más adelante había de abofetear a su patria” havia esbofetado sua mãe (NT, pp.51-2). Rosas, em seguida, é qualificado como um fugitivo covarde, pois desfrutava, enquanto seus amigos peleavam na guerra de independência, da boa vida *gaucha* – vida que lhe proporcionou a destreza na

²⁷ Montero Bustamante (em DUPREY, p.13) faz referência à migração de uruguaiois da cidade sitiada para o Cerrito, fato também mitigado por Dumas.

montaria, no *lazo* e nas *boleadoras*, além da conquista da confiança de diversos outros *gauchos*, seus amigos, com adulações, promessas, dissimulações.

Dumas qualifica-o também como ambicioso, invejoso; Rosas, “que no poseía ni la bravura del campo de batalla ni las luces del consejo”, ouvia os nomes de Rivadavia, Agüero, San Martín, Balcarce, “y todos aquellos nombres, cuyo eco llegaba de la ciudad, repercutían en aquellas soledades y despertaban en él su odio contra la ciudad, que para todos tenía triunfos, menos para él” (NT, p.53).

Já como general, em uma batalha finge “un intenso dolor de muelas, que desapareció no bien hubo terminado el combate”, em 1820, “el único hecho de guerra que figura en toda la vida política de Rosas”; “su reputación de cobardía es universal” (NT, pp.53-4 e 58). Para subir ao poder, “el gaucho trata de convertirse en urbano; la serpiente desea cambiar de piel”; e, traidor que era, derruba Juan Ramón Balcarce do poder, um amigo que anteriormente lhe havia ajudado muito, para iniciar sua ditadura em 1833, em que persegue, prende e manda fuzilar centenas de opositores (NT, pp.55-7). “Lo que no se le ocurrió ni a Nerón ni a Domiciano, Rosas lo ha hecho” (NT, p.75); bufão, guloso, ambicioso, cruel, entre outros, são atributos coestendidos por Dumas à sua filha, a famosa Manuelita Rosas, “el verdadero ministro de asuntos extranjeros de Buenos Aires” (NT, p.62).

Apresentando dessa maneira Rosas, é extremamente curioso que Dumas não tenha sequer citado, na *Nueva Troya*, o nome de Domingos Faustino Sarmiento, já que seu *Facundo*, obra amplamente difundida desde sua aparição, foi primeiramente publicada em 1845, cinco anos antes da *Nueva Troya* e durante o auge da Guerra Grande, e era abertamente panfletária contra Rosas e sua política ditatorial – visão totalmente compatível com a de Dumas-Pacheco.²⁸

Na *Nueva Troya*, Dumas-Pacheco chegam mesmo a estabelecer uma clara distinção entre o que entendem por civilização – “diosa que, al igual que el sol, va de oriente a occidente” (NT, p.39) – e por barbárie, advogando sempre em favor da primeira, onde alocam a Europa, os costumes europeus, Montevidéu, contra a segunda, representada, em seu texto,

²⁸ Compatibilidade acrescida pela menção que Sarmiento fez, na introdução à primeira edição de sua obra, à incompetência francesa de compreender o risco representado pela política rosista: “A França... [e] seus mais hábeis políticos não conseguiram compreender nada do que seus olhos viram ao olhar precipitadamente o poder americano que desafiava [también] a grande nação” (SARMIENTO, p.48).

pela América selvagem, os costumes indígenas (na região do Prata, os charrúas “empurrados” pela civilização que se dirige a oeste) e a Buenos Aires de Rosas.

Montevideu é chamada de “ciudad europea”, “último reducto de la civilización” na América do Sul (NT, pp.47 e 111); suas beldades são as mulheres de traço alemão, escocês ou catalão – na sequência, as figuras que melhor representariam cada uma das três progênes seriam as *señoras* Nazarea Rucker, Matilde Stewart e Clementina Batlle (NT, pp.46-7); no auge da ditadura rosista, “las altas clases de la sociedad, tan maltratadas, comenzaron a huir de Buenos Aires, y, en busca de refugio, dirigieron sus miradas al Estado Oriental, donde la mayor parte de la ciudad proscrita, acabó por buscar asilo” (NT, p.75) – e os montevidianos, compadecidos de seus “amigos, o mejor, de [seus] hermanos”,²⁹ hospitaleiramente os acolhem, além do teto, com “víveres, dinero, vestidos” (NT, p.76). E foi por conta desta hospitalidade,³⁰ segundo Dumas, que Rosas passou a odiar Montevideu e seu governante, Rivera – além do fato da imprensa uruguaia, “no hallándose amordazada en el Estado Oriental, como lo estaba en Buenos Aires”, estar continuamente denunciando, “al resto del mundo”, os crimes cometidos por Rosas (NT, p.80).

Buenos Aires, por sua vez, é caracterizada dubiamente por Dumas: o francês lembra que o reduto da barbárie rosista é aclamado (dando continuidade às metáforas greco-romanas) também como a Atenas da América do Sul (NT, p.55), por conta dos liceus e universidades fundados durante a administração de Bernardino Rivadavia, de 1826 a 1827; mas mesmo essa administração teria fracassado e durado pouco tempo, segundo Dumas, por conta da barbárie portenha: “el conocimiento de la civilización europea que él [Rivadavia] había estudiado en París y en Londres, le había falseado el espíritu en cuanto a su aplicación a un pueblo que no marchaba, desde ningún punto de vista, al mismo paso europeo” (NT, p.54).

²⁹ De outro modo, quando relata o apoio do exército argentino a Oribe, assim Dumas refere-se aos “hermanos”: “los argentinos son tan extranjeros para el Estado Oriental como pueden serlo los chilenos o los ingleses” (NT, p.82).

³⁰ Lista, feita por Dumas-Pacheco, de inimigos políticos de Rosas que emigraram para Montevideu durante a Guerra Grande: Lavalle, “la más fulgurante espada del ejército de su país”; Florencio Varela, “su más hermoso talento”; Echeverría, “el Lamartine del Plata”; e também Agüero, Vega, Gutiérrez, Alsina, Sáenz Valiente, Molino Torres, Ramos Mejía, Olazábal e Rodríguez, “el viejo general de los ejércitos de la independencia y de los ejércitos unitarios”, além de numerosos grandes proprietários de diferentes concepções políticas – “es que Rosas perseguía por igual al *unitario* y al *federal*, ... obstáculo[s] a su dictadura” (NT, p.75).

Diversas referências a Buenos Aires são feitas, nesse contexto, como parte da polarização que enaltece Montevideú frente à primeira – Montevideú se torna “la virreina de este gran río de Plata del cual Buenos Aires *pretende* ser la reina” (NT, p.38, grifo meu). Os portenhos, cuja cidade foi fundada no século XVI, já estariam “barbarizados”, porque “americanizados” a muito mais tempo do que os montevideanos, cuja cidade foi fundada apenas duzentos anos depois:

... Montevideo, que cuenta apenas cien años, es una de las ciudades más modernas del continente americano.

(...) El hombre de Buenos Aires, radicado en el país desde trescientos años atrás en la persona del abuelo, ha perdido, desde fines del primer siglo, todas las tradiciones de la madre patria, España. (...) Y así los habitantes de Buenos Aires son hoy casi tan americanos como antiguamente los indios a quienes ellos arrojaron del país. (NT, pp.38-9 e 44)

Assim, à dedicatória da obra – “a los heroicos defensores de Montevideo” (NT, p.36) – segue-se, ao longo do texto, enquanto se procura heroificar esses defensores, uma busca pela “banditização” dos portenhos, ao mesmo tempo em que não se pode negar-lhes algumas virtudes. Por isso, ao reconhecerem Dumas-Pacheco que “los primeros poetas que conoció América, nacieron en Buenos Aires: Varela, Lafinur, Domínguez y Mármol”, acrescentam em seguida que, se o portenho “pretende ser el primero en elegancia”, o montevideano “se considera el primero en valentia” (NT, p.46).

Essa contrariedade ou dificuldade de apresentação, comum aos historiadores uruguaios – que por momentos desejam louvar os feitos e a vida de personalidades consagradas e, em determinadas circunstâncias, inimigas – é comentada por Ariosto González: as personalidades que desfilam no texto de Dumas, “trasfiguradas en símbolos, en paradigmas, se han incorporado – por encima de todos los partidarios y limitaciones sectarias... –, a la esencia de la vida uruguaya” (em NT, p.19).

Montero Bustamante destaca essa contribuição de Dumas ao imaginário político-histórico uruaio – “los hombres de mi generación nos formamos oyendo hablar desde la niñez de la *Nueva Troya*” (em DUPREY, p.11) – e comenta também a influência que a obra exerceu sobre uma geração de historiadores que se aventuraram a escrever sobre a história uruaia e a Guerra Grande:

... era el complemento de la tradición doméstica, la estilización de lo que habíamos escuchado de labios de nuestros mayores... La *Nueva Troya* fué... para nosotros, más que un panfleto o una obra de historia, un pequeño evangelio literario, y hemos de reconocer la influencia que ejerció sobre la concepción espiritual que de la Guerra Grande adquirimos...
... fué, ... con más razón para nuestros padres y abuelos, una influencia tan esencial como los *Consuelos* de Echeverría, como el *Canto a la Libertad* de Juan Carlos Gómez, como el *Apóstrofe a Rosas* y los *Cantos del Peregrino* de Mármol. (idem, pp.11-2 e 15)

Efetivamente, mesmo Montero Bustamante reconhecendo o carácter caricato da composição de Dumas, assume como verídicos fatos romantizados e inverossímeis como o de “Doña Cipriana Herrera de Muñoz [que,] al oír tronar los cañones sitiadores, no temblaban [ela e demais montevideanas] por la suerte de sus hijos sino por la suerte de la Patria” (em DUPREY, p.13, episódio relatado por Dumas no último capítulo da NT, pp.144-5); ou arrola algumas contrariedades propaladas por Dumas – o Oribe de Montero Bustamante torna-se, como o Oribe da *Nueva Troya*, “hombre pálido y de ojos azules, de maneras señoriles y de palabra pausada y fria, a quien se amaba y se odiaba con la misma fuerza” (em DUPREY, p.13); ou evoca también “el Montevideo romántico de las enrejadas ventanas, de los blancos miradores, de los patios floridos, de los faroles de aceite” (ibidem). Portanto, mesmo reconhecendo que “no ha de recomendarse la obra como texto de información, ni como obra didáctica” (idem, p.16), Montero Bustamante endossa tal recurso literário, elogiando os resultados de tal acepção hegeliana:

Si es éste un libro de historia, lo es a la manera romántica, como pueden serlo las *Memorias de Ultratumba* de Chateaubriand, o *Los Girondinos* de Lamartine. Se ha de extraer de él no la estricta realidad y verdad de los hechos, ... pero sí, el sentimiento general de una época, ... esa como supervisión de la vida y de la historia, que [nos dá por resultado]... esa otra verdad general del conjunto, que, más que a los hechos materiales, se refiere a los fenómenos del espíritu que son los que en realidad rigen la vida del hombre y de las sociedades. (em DUPREY, p.24)

Com um sentido de produção literária análogo, em carta enviada ao general José María Paz em 22/12/1845, escreveu Sarmiento:

Remeto a S.E. um exemplar do *Facundo* que escrevi com o objetivo de favorecer a revolução e preparar os espíritos. Obra improvisada, cheia de inexatidões de propósito às vezes, não tem outra importância que a de ser um de tantos meios para ajudar a destruir um governo absurdo e preparar o caminho para outro novo. (citada em SARMIENTO, p.42, nota 2)

Na época, o governo absurdo e bárbaro da vez era o de Rosas; com a mesma intenção de derrocá-lo, Dumas-Pacheco escrevem outra obra de maneira rápida e com inexatidões – algumas também de propósito, poderíamos afirmar. Obra política, portanto, torna-se imortal pela figuração célebre de um *gaucho* boêmio, de uma Montevideú “baluarte da civilização” na América do Sul; e faz-se, em tal rapsódia, presente “esa violencia en los tonos, esa gallardía en los gestos, ese tranquilo impudor y también esa inocente jovialidad” que caracterizam, segundo o biógrafo Lucas-Dubreton (p.7), as mais famosas obras de Dumas.

Com *Nueva Troya*, portanto, “los países del Plata se ‘mosquetizaron’, como había ocurrido algunos años antes en Francia” (Montero Bustamante em DUPREY, pp.19-20) – mas, graças à ação dos defensores de Montevideú, não se tornaram um por todos, nem todos por um.

Bibliografia

ACEVEDO, Eduardo, *José Artigas: Su obra cívica; Alegato histórico*, Montevideú: El Siglo Ilustrado, 1909 (T.I e II), 1910 (T.III).

DUMAS, Alejandro, *Montevideo o la nueva Troya*, trad. F.E. Lavalle, Buenos Aires: Compañía General Fabril, coleção Los libros del Mirasol, 1961 (c.1850).

DUMAS, Alexandre, *Memórias de Garibaldi*, trad. Antonio Caruccio-Caporale, Porto Alegre: L&PM, 1999 (c.1860).

DUPREY, Jacques, *Alejandro Dumas, escritor al servicio de Montevideo y adversario de Rosas*, trad. Isabel Gilbert de Pereda, Buenos Aires: Talles Gráficos Rodríguez Giles, 1942.

LUCAS-DUBRETON, Jean, *La vida novelesca de Alejandro Dumas padre*, trad. José Mora Guarnido, Buenos Aires: Ediciones del Tridente, coleção Vidas apasionadas, 1944.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: civilização e barbárie*, trad. Jaime A. Clasen, Petrópolis: Vozes, 1997 (c.1845).